

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
SÁBADOS CLÁSSICOS
30 de setembro de 2023

IL GENERALE DELLA ROVERE / 1959

(O General Della Rovere)

um filme de **Roberto Rossellini**

Realização: Roberto Rossellini / **Argumento:** Sergio Amidei, Diego Fabbri, Indro Montanelli, segundo o conto "Pantheon Minore" de Indro Montanelli / **Fotografia:** Carlo Carlini / **Direcção Artística:** Piero Zuffi, com a colaboração de Francesco Ciarletta / **Música:** Renzo Rossellini / **Montagem:** Cesare Cavagna / **Intérpretes:** Vittorio De Sica (Emanuele Bertone, aliás Coronel Grimaldi/falso general Giovanni Braccioforte Della Rovere); Hannes Messemer (Coronel Muller), Vittorio Caprioli (Aristide Banchelli), Nando Angelini (Paolo), Herbert Fischer (Walter Hageman), Anne Vernon (Carla), Sandra Milo (Olga), Giovanna Ralli (Valeria), Mary Greco (Madame Vera), Lucia Modugno (uma resistente), Luciano Pigozzi (um detido inconformado), Giuseppe Rossetti (Fabrizio), Linda Veras (uma senhora alemã), Franco Interlenghi (Pasquale Antonio), Leopoldo Valentini (Giuseppe Di Castro), Kurt Polter (ajudante de Muller), Baronesa Barzani (Condessa Bianca Maria Della Rovere), Gianni Baghino (Scalise), Roberto Rossellini (um senhor na sala de espera da "Kommandatur").

Produção: Zebra Film (Roma)-Gaumont (Paris) / **Produtor:** Morris Ergas / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendada eletronicamente em português, 138 minutos / **Estreia Mundial:** Festival de Veneza, 31 de Agosto de 1959 / **Estreia em Portugal:** Apolo 70, em 31 de Janeiro de 1972.

Leão de Ouro no Festival de Veneza de 1959

Il Generale Della Rovere foi visto na altura da sua estreia como o grande regresso ao cinema do autor de **Roma Città Aperta**, ou melhor, aos "favores" do público após a sucessão de desastres de bilheteira que foi a sua carreira na década de 50, apesar da presença quase permanente de Ingrid Bergman. O facto de ter sido também uma série de obras primas, de **Europa 51** a **La Paura**, não vem aqui para o caso. Após **La Paura**, Rossellini foi praticamente visto, na indústria, como autêntico "veneno" de bilheteira. A isto junta-se uma série de projectos não realizados, uns que se ficaram pelas intenções (inclusivé uma versão de **Inês de Castro** a ser rodada em Portugal), outros que abortaram à partida (uma **Carmen** em Espanha) e outros que abandonou devido a fortes divergências. Neste campo valerá a pena destacar um **La Donna del Mare**, para o qual chegou a fazer as repérages na Jamaica. Alterações feitas pelo produtor no argumento levaram ao afastamento de Rossellini. O filme porém foi feito com um ignoto Bob McNaught dando-lhe um fundo exótico mas com a actriz prevista, Joan Collins, que contracenava com Richard Burton. Chamou-se **Sea Wife (A Noiva do Mar)**, entre nós), e revisto há algum tempo na RTP faz-nos lamentar que Rossellini não tenha podido levar a cabo o trabalho, pelo que nos faz adivinhar de influências de **Stromboli** e **Europa 51** agora numa perspectiva "masculina". Às interrogações, perda e busca da fé de Ingrid, sucedem as de Rossellini, no seu período de crise pois o projecto surge exactamente quando se separa definitivamente de Ingrid Bergman. O percurso do realizador de 1955 a 1959 pode ser visto deste prisma, e **Il Generale Della Rovere** projecta também esses fantasmas e inquietações. O culto de que era alvo pelos jovens críticos dos *Cahiers du Cinema*, terá contribuído também para alimentar o seu ego que tornava ainda mais

difícil o trabalho, tendo-se virado para a encenação teatral. **India** nasce desta fuga para a frente, de um meio que parece agora "recusá-lo". O longo documentário (uma série para a televisão e um filme) triunfa em Cannes e Rossellini pronuncia então as suas famosas palavras "il cinema è morto". Mas o triunfo de **India** traz-lhe então a oportunidade de regressar ao meio de que decretara o "fim". Morris Ergas, produtor, conseguiu o acordo do realizador para fazer **Il Generale...**

Sendo o chamado "regresso" de Rossellini este deu tudo por tudo para que resultasse. Ao contrário de **Roma Città Aperta**, feito em total liberdade, **Il Generale...** foi rigorosamente controlado e feito numa corrida contra o tempo. Esta "urgência" é sentida no filme, tanto na sua encenação (o uso do estúdio e os *stock shots*) como na duração: 132 minutos (na sua obra anterior só **Paisà** ultrapassou, à tangente, as duas horas, mas tratava-se de um filme em episódios, seis exactamente) que resulta de uma *découpage* que tentava evitar o uso muito complexo de montagem. O filme foi pensado em Maio de 1959, teve um mês de preparação, foi filmado em quatro semanas em Julho e Agosto e acabado de montar em cima da hora de ser apresentado em Veneza, em 31 de Agosto, onde ganhou (ex-aequo com **La Grande Guerra** de Mario Monicelli) o Leão de Ouro. Foi também o último sucesso de bilheteira de Rossellini, que após outra série de desastres comerciais se virou definitivamente para a televisão.

É um exercício interessante ler as críticas contemporâneas ao filme de Rossellini. Não sendo unânimes, há, porém, uma referência nelas bastante curiosa que se repete com frequência e que tem a ver com a presença de Vittorio De Sica como intérprete. Era tempo ainda de guerras "autorísticas" e Luc Moullet nas páginas dos *Cahiers* aproveitava a oportunidade para "arrasar" a figura do realizador de **Ladri di Biciclete**, fazendo dele um "prolongamento" ou "projectção" da personagem que interpretava em **Il Generale...**: a de um pequeno escroque e aldrabão que vivia da exploração dos sentimentos dos outros (no filme, os familiares dos resistentes presos, na vida real, os filmes "neo-realistas" que fazia). Outro, Arthur Clark (em *Film in Review*) destaca, por seu lado, o espírito de solidariedade e camaradagem de um realizador de sucesso (De Sica) para com um amigo que parece ter aqui a sua última oportunidade para mostrar que não estava "acabado". Entre estes dois olhares sobre Bardone (o falso Della Rovere) que lugar há para a personagem do coronel Muller, o oficial alemão que conduz (ou tenta conduzir) o jogo? Stanley Kauffman, nas páginas da *Sight and Sound* apresenta uma tese bem mais curiosa: se Bardone corresponde ao "trapaceiro" De Sica, Muller poderá bem ser uma projectção do próprio Rossellini. Tem como ele a cultura, é também um humanista (enoja-o ser obrigado a recorrer à força para chegar aos seus fins, e só a usa, como no caso dos reféns, em obediência a ordens superiores). Desde o começo que fica "fascinado" pela personagem que por acaso lhe aparece em frente, como alguém superior por algo que pertence a uma outra cultura, a um mundo subdesenvolvido (será por acaso que o filme vem logo a seguir à incursão de Rossellini pela Índia?). Podemos ver também na forma como Muller "trabalha" Bardone na sua "personagem" de Della Rovere uma projectção de Rossellini "trabalhando" De Sica na sua interpretação de Bardone e de Della Rovere? Há no filme situações curiosas que por si só poderiam justificar a comparação: Muller procurando controlar Bardone nalguns "excessos" interpretativos, quando se sabe que esta é uma característica de De Sica como actor (retórico nos filmes dramáticos, cabotino nas comédias), e que Rossellini consegue "controlar", mas deixando "ver" habilmente o momento em que a "naturalidade" começa a transformar-se em "exibição" para justificar a correcção de Muller; Bardone sujeito a tortura para surgir na cadeia ostentando os sinais "reais" do que sofrera (eco da história de como De Sica conseguiu fazer chorar Enzo Staiola, o garoto de **Ladri di Biciclete**).

Mas há um outro pormenor ainda mais sugestivo, apesar de breve e passar quase despercebido, e que tem a ver com a aparição de Rossellini no filme como figurante. Na "folha" de **La Paura**, destaquei, a propósito desse filme, um paralelismo entre Rossellini e Hitchcock, fazendo a comparação entre **La Paura** e **Notorious**. Ora em **Il Generale...** a aparição de Rossellini, que eu saiba a única que fez nos seus filmes (ao contrário de Hitchcock), exceptuando as apresentações de duas das suas séries de televisão, funciona de forma semelhante às do autor de **Vertigo**: tem

uma função narrativa e diegética, mas transcende-a numa espécie de auto-ironia. Rossellini é um dos figurantes que circula nervosamente na sala de espera da "Kommandatur" na cena em que Muller encontra Bardone, e este se insinua nas boas graças do oficial conquistadas no encontro na rua para conseguir (ou julgar conseguir) um favor. Como Hitchcock, Rossellini com a sua presença sublinha a importância do encontro para a relação futura entre os dois homens, mas, para lá de Hitchcock, Rossellini parece reflectir também sobre a sua posição e processo de "identificação" (passado e presente).

No que se refere ao argumento, **Il Generale Della Rovere** foi apontado, e "criticado", como o regresso de Rossellini aos temas que o celebrizaram do pós-guerra, e fizeram com que fosse considerado o "porta-voz" do "neo-realismo". A identificação servia também para outros "minimizarem" o filme (e a obra de Rossellini em geral) ao mostrar a "incapacidade" do autor tocar noutros temas, e o seu esgotamento criativo. Ora **Il Generale...** parece-me realizar (apesar dos condicionalismos a que foi sujeito) a síntese dos filmes (e temas) dos anos 40 (**Roma...**, **Paisà**), com os da década de 50, em especial a série com Ingrid, tanto nas questões morais e metafísicas que coloca (a redenção de Bardone/Della Rovere, paralela, até na forma brusca como se efectua, do "milagre" da reconciliação final em **Viaggio in Italia**, e o percurso de descoberta que Bardone vai fazendo nos seus encontros com as mulheres que conheceu e as pessoas que procura "ajudar", semelhante ao que leva Ingrid da inquietação à "santa" loucura final de **Europa 51**), como nos aspectos formais. Neste último campo (ou melhor, conciliando os dois), a sequência na cela antes do fuzilamento é fundamental. Ali são reunidos os vinte homens de onde sairão os dez a serem fuzilados, e aí se encontram, finalmente Bardone/Della Rovere e Fabrizio, um chefe da Resistência. Tudo é encenado quase num plano único, com as personagens circulando de um lado para o outro numa espécie de ballet que é a marca de muito do cinema que se chamou moderno, e que evoca, especialmente as "coreografias" de Miklos Janczó (**Szegénylegényak/Os Oprimidos**, de 1965, **Csillagosok Katonak/"Vermelhos e Brancos"**, de 1967, etc).

No final, Bardone/Della Rovere recusa a possibilidade de salvação e junta-se ao grupo dos condenados. Que eram dez e se tornam onze. Ele é o único que, por isso, não tem poste caindo redondamente no chão e "desaparecendo" quase do plano onde se destacam os outros fuzilados. A câmara não o "vai" buscar e aqui reside a grande dignidade do olhar de Rossellini, a demonstração da sua fé na redenção dos homens, integrando o "marginal" no seio da "grupo". Quando um subalterno diz a Muller que fuzilaram onze homens em vez de dez, este afirma: "Fui eu que me enganei". Sim, Bardone tornara-se "mesmo" Della Rovere. Mas, terminando ainda com o jogo de "comparações": se Muller é uma "projectão" de Rossellini, então a frase também pode significar um outro "olhar" seu sobre De Sica. E é isso o que parece ter passado ao lado de Luc Moullet.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico